

O COMPORTAMENTO ELEITORAL DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: UMA ANÁLISE A PARTIR DO MODELO PRIMÁRIO DE COMPORTAMENTO ELEITORAL

The electoral behavior of university students: an analysis based on the Primary Model of Electoral Behavior

Marco André Cadoná

Doutor pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Professor na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1580-5234>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3668627092629545>

Resumo

Propõe-se uma análise de como o contexto eleitoral das eleições presidenciais de 2018 no Brasil, caracterizado por intensa polarização política e ideológica, condicionou o comportamento eleitoral de estudantes universitários. Como referência empírica, são considerados os resultados de uma pesquisa que investigou a cultura política de estudantes de graduação da UNISC (Universidade de Santa Cruz do Sul), localizada no Rio Grande do Sul, realizada entre o primeiro e o segundo turnos das eleições de 2018. Como referência teórica, considera-se o Modelo Primário de Comportamento Eleitoral, proposto pelos teóricos norte-americanos do marketing político, Bruce Newman e Jagdish Sheth, que considera sete domínios do comportamento dos eleitores: questões políticas, imaginário social, dimensão emocional, imagem do candidato, eventos atuais, eventos pessoais e questões epistemológicas. Ao final, argumenta-se que os valores que orientaram o comportamento eleitoral dos estudantes apresentaram diferenças entre os eleitores de Jair Bolsonaro e de Fernando Haddad: enquanto os eleitores de Bolsonaro valorizaram mais os “sentimentos emocionais” e os “eventos atuais”, os eleitores de Haddad valorizaram mais o “imaginário social” e as “questões políticas”.

Palavras-chave: Comportamento eleitoral; Eleições Presidenciais de 2018; Jovens Universitários; Modelo Primário de Comportamento Eleitoral.

Abstract

An analysis is proposed of how the electoral context of the 2018 presidential elections in Brazil, characterized by an intense political and ideological polarization, conditioned the electoral behavior of university students. As an empirical reference, we consider the results of a survey that investigated the political culture of undergraduate students at UNISC (University of Santa Cruz do Sul), located in Rio Grande do Sul,

Recebido em: 28/03/2023; Avaliador A: 31/03/2023; Avaliador B: 19/04/2023; Aceito em: 30/01/2024



carried out between the first and second round of the selections of 2018. As a theoretical reference, the Primary Model of Voter Behavior is considered, proposed by the North American theorists of political marketing, Bruce Newman and Jagdish Sheth, which considers seven domains of voter behavior: political questions, social imaginary, emotional dimension, image of the candidate, actuality, personal facts and epistemological questions. In the end, it is argued that the values that guided the electoral behavior of the students showed differences between the voters of Jair Bolsonaro and Fernando Haddad: while Bolsonaro voters valued more the “emotional feelings” and the “current events”, the voters of Haddad valued more the “social imaginary” and the “political themes”.

Keywords: Voting behavior, 2018 Presidential Elections, Young University Students, Primary Model of Voting Behavior.

Introdução

Neste artigo, coloca-se em questão o comportamento eleitoral de estudantes universitários no contexto das eleições presidenciais de 2018 no Brasil. Empiricamente, são considerados dados de uma pesquisa que investigou a cultura política de estudantes de graduação da UNISC (Universidade de Santa Cruz do Sul), realizada entre o primeiro e o segundo turnos das eleições de 2018. Teoricamente, toma-se como referência o Modelo Primário de Comportamento Eleitoral, proposto pelos teóricos norte-americanos do marketing político, Bruce Newman e Jagdish Sheth, que considera sete domínios para analisar o comportamento dos eleitores: questões políticas, imaginário social, dimensão emocional, imagem do candidato, eventos atuais, eventos pessoais e questões epistemológicas. A partir dessas referências empíricas e teóricas, então, propõe-se uma análise de como o contexto eleitoral de 2018 condicionou a definição dos valores que orientaram o comportamento eleitoral dos estudantes universitários pesquisados.

A temática proposta não é nova nas ciências sociais que analisam a relação entre jovens e política no Brasil. Desde o processo de “abertura democrática” no País, na década de 1980, uma vasta bibliografia se desenvolveu com a preocupação de analisar a cultura política das juventudes e, inclusive, de jovens universitários.ⁱ

No entanto, sob o ponto de vista do comportamento eleitoral dos jovens (e de todo eleitorado brasileiro), o contexto político considerado colocou novas questões. As



eleições de 2018 ocorreram em circunstâncias históricas de crise política no Brasil, iniciada ainda em 2014/2015. Uma crise política que ocorreu num contexto de agravamento das condições econômicas e de exacerbada polarização política no país. Que ganhou significado histórico diante das dificuldades do governo Dilma Rousseff (2011 – 2016), de manter a coesão da frente política que sustentou politicamente os governos liderados pelo PT; e das crescentes denúncias de corrupção, avolumadas pela Operação Lava Jato, cujas investigações revelaram o envolvimento de diferentes lideranças políticas, de diferentes partidos, em práticas de apropriação de recursos públicos e de abuso do poder para ganhos de benefícios ilícitos. E que desencadeou no impeachment de Dilma Rousseff, em 2016, no recrudescimento das políticas neoliberais durante o governo de Michel Temer (2016 – 2018) e na vitória de Jair Bolsonaro, nas eleições presidenciais de 2018. Observe-se, nesse sentido, que, depois de mais de três décadas do fim da ditadura militar (1964 – 1985) e de “democratização” no País, o vencedor da disputa eleitoral naquelas eleições foi um candidato abertamente identificado com valores não democráticos, inclusive conhecido pela defesa de instituições e pessoas diretamente vinculadas àquele regime ditatorial.ⁱⁱ

Acrescente-se àquele contexto de crise política a presença cada vez maior das redes sociais na política (facebook, whatsapp), que facilitaram a disseminação geral de informações, de forma cada vez mais rápida, de modo a se tornarem espaços cada vez mais importantes de socialização política. Na medida em que ganharam importância, as redes sociais também passaram a ser espaços de disputa política e cada vez condicionadas por estratégias de manipulação da opinião e do comportamento individual e coletivo, inclusive através da disseminação de informações falsas (“fake news”).

A pesquisa que sustenta empiricamente a análise foi realizada com estudantes de graduação da UNISC, de diferentes cursos e áreas do conhecimento, durante o período eleitoral de 2018. Sob o ponto de vista de sua técnica de levantamento de dados, a pesquisa compreendeu a aplicação de um questionário nas duas semanas que antecederam a realização do segundo turno daquelas eleições, ou seja, entre os dias 15 e 26 de outubro daquele ano. Portanto, num período em que as eleições para os legislativos (estaduais e federal) já tinham ocorrido e no qual os candidatos que disputariam o segundo turno para



cargos executivos (governadores e presidente da República) já estavam definidos. Foram aplicados 169 questionário, distribuídos entre as quatro áreas de conhecimento na Universidade (de forma proporcional ao número de estudantes existentes naquele momento na UNISC nas diferentes áreas de conhecimento): ciências humanas, ciências sociais aplicadas, ciências da saúde e engenharias/ciência da terra.ⁱⁱⁱ

O texto está organizado em duas partes, além dessa introdução e das considerações finais. Na sequência, são analisadas algumas questões relacionadas à cultura política dos jovens no Brasil, com destaque à discussão sobre o Modelo Primário de Comportamento Eleitoral, proposto por Bruce Newman e Jagdish Sheth. Após são apresentados e analisados os dados da pesquisa realizada, mais especificamente aqueles relacionados com os sete domínios considerados por Bruce Newman e Jagdish Sheth na análise do comportamento eleitoral. Por fim, nas considerações finais, retoma-se a discussão sobre o comportamento eleitoral de jovens, com o objetivo de propor algumas questões relacionadas à construção de seus votos na conjuntura político-eleitoral considerada.

1. Cultura política e comportamento eleitoral de jovens: a proposta metodológica para a análise do comportamento eleitoral dos jovens universitários

A análise do comportamento eleitoral de jovens universitários permite que se considere questões importantes, referentes à cultura política das juventudes no Brasil.

A primeira delas está relacionada à participação política das juventudes. Uma questão que há muito tempo recebe atenção na bibliografia especializada, onde ainda permanecem desconfianças quanto ao engajamento político dos jovens. Desconfianças que decorrem de pesquisas e conclusões que ressaltam a “elevada rejeição” e a “baixa participação” das juventudes nos assuntos políticos; ou, então, o “desinteresse” com relação às tradicionais formas de atuar na política e sua baixa participação em conselhos e fóruns, no processo eleitoral e até mesmo em espaços voltados “para a promoção dos direitos sociais da juventude” (BOGHOSSIAN, MINAYO, 2009, p. 413).

Mais recentemente, contudo, diferentes autores têm enfatizado o protagonismo dos jovens, seja em mobilizações coletivas, seja na defesa de pautas políticas capazes de



mobilizar diferentes forças sociais e políticas na sociedade brasileira. Maria da Glória Gohn, por exemplo, analisou a participação dos jovens em “dois cenários” recentes: as mobilizações de rua de 2013 e as ocupações em escolas públicas, por estudantes secundaristas, a partir de 2015 (GOHN, 2018). E argumentou que, nesses dois “cenários”, partindo de demandas localizadas (mobilidade urbana, em 2013, e contra as reformas na educação, em 2015 e 2016), os jovens “souberam mobilizar outras camadas da população, que saíram às ruas para apoiar suas demandas”; e impulsionaram repertórios de reivindicações para outros pontos e áreas, provocando questionamentos sobre políticas públicas, modos de gestão e formas de atuação política (GOHN, 2018, p. 118).

As conclusões de Maria da Glória Gohn se aproximam do que destacam algumas análises existentes sobre as mobilizações coletivas que ocorreram em diferentes partes do planeta, entre 2008 e 2013. Manuel Castells, por exemplo, registra a importante presença de jovens em mobilizações coletivas que, nas sociedades contemporâneas, têm demonstrado a “capacidade dos atores sociais desafiar o poder embutido nas instituições da sociedade com o objetivo de reivindicar a representação de seus próprios valores e interesses” (CASTELLS, 2013, p. 8). Para Castells, os jovens têm se destacado na participação dessas mobilizações coletivas que, inclusive, estão criando um novo padrão de ações coletivas, no qual algumas características são importantes: 1. são ações coletivas conectadas em rede de múltiplas formas (através da internet, mas, também, através de relações estabelecidas nos espaços locais); 2. suas pautas são, ao mesmo tempo, locais e globais (meio ambiente, dominação financeira, relação governo e sociedade); 3. em termos de gênese, podem ter motivações espontâneas, geralmente desencadeadas por uma “centelha de indignação” (o suicídio de um ambulante, por exemplo, como motivação para protestos contra a violência policial, no caso da Tunísia); 4. são “virais”, seguindo a lógica das redes na internet, pois se difundem rapidamente nas redes; 5. sob o ponto de vista da tomada de decisões são horizontais, pois as decisões tendem a “ocorrer em assembleias e em comitês por elas designadas”, de modo geral com lideranças difusas e sem a necessidade de uma liderança formal; 6. elas não são facilmente cooptadas pelos partidos políticos e por movimentos sociais tradicionais, inclusive muitas delas expressam explicitamente sentimentos “apartidários”; 7. e, como ponto chave, são ações



coletivas que propõem como utopia “a autonomia do sujeito em relação às instituições da sociedade” (CASTELLS, 2013, p. 134).

Embora essas não sejam as únicas características do padrão emergente de ação coletiva nesse período recente, elas indicam uma questão central na discussão sobre mobilizações coletivas na “era da internet”: suas origens não estão na internet, mas essa é fundamental, pois “cria as condições para uma forma prática comum que permite a um movimento sem lideranças sobreviver, deliberar, coordenar, expandir” (CASTELLS, 2013, p. 135). Mais do que isso: são mobilizações coletivas que comungam com a internet uma cultura específica: “a cultura da autonomia, a matriz cultural das sociedades contemporâneas” (CASTELLS, 2013, p. 138). Um modo de ser, pensar, agir que enfatiza o processo de individualização dos comportamentos sociais e políticos, expressão da “capacidade de um ator social tornar-se sujeito ao definir sua ação em torno de projetos elaborados independentemente das instituições da sociedade, segundo seus próprios valores e interesses” (CASTELLS, 2013, p. 135).

Essa é uma segunda questão importante na análise do comportamento político dos jovens, que decorre do processo de individualização como expressão de uma “matriz cultural das sociedades contemporâneas”. Como destaca Bernard Roudet, em sua análise sobre os novos tipos de participação política dos jovens, a partir do processo de individualização até mesmo a apatia, o desinteresse e o fraco envolvimento político podem ser interpretados como resultado de um processo biográfico, fortemente seletivo, no qual nem sempre os modelos individuais coincidem com os modelos institucionalizados (ROUDET, 2004, p. 17-8).

Assim, a relação entre juventudes e política deve levar em conta “a confluência de dois processos”: “um processo de desinstitucionalização política e um processo de revinculação a domínios não institucionais” (AUGUSTO, 2008, p. 161). Nesses termos, o que é definido como “apatia”, “desinteresse”, “não envolvimento político”, pode ser interpretado como “desinstitucionalização” e não necessariamente como despolitização. Ao mesmo tempo, as formas não convencionais de participação (inclusive nas redes sociais) podem ser compreendidas como “espaços de revinculação” (AUGUSTO, 2008, p. 162). Nessa mesma direção, o ceticismo presente no comportamento de jovens em



relação aos partidos políticos e outras instituições importantes de um regime democrático não pode ser interpretado como um questionamento da democracia, pois não implica necessariamente desconfiança em relação ao regime democrático. O que se coloca é uma desconfiança em relação a determinados modelos de funcionamento do sistema democrático, principalmente quando esses modelos estão vinculados a valores que se diferenciam daqueles que os jovens defendem; ou, então, quando reproduzem práticas que não são aceitas socialmente (como, por exemplo, corrupção, jogos de interesses entre representantes políticos). Ademais, torna-se importante destacar que, como registram Castells e Gohn (anteriormente citados), a ação política dos jovens tem transitado em espaços não institucionais, a partir de novos repertórios de ação coletiva e com agendas políticas que nem sempre são contempladas pelas instituições tradicionais (partidos políticos, sindicatos, movimentos sociais tradicionais).

Para os fins da análise apresentada neste artigo, porém, uma terceira questão tem importância maior: o comportamento eleitoral de jovens, mais especificamente os motivos que levam os jovens a fazerem suas escolhas de voto. Uma questão que não tem somente importância eleitoral, de compreensão do que os eleitores consideram relevante quando decidem em quem votar numa eleição, mas também do próprio processo de socialização política, na medida em que permite análises sobre o significado das experiências sociais e políticas de indivíduos e grupos na construção de seus valores e de suas práticas políticas.

Evidentemente, o comportamento eleitoral é um objeto de análise que há muito tempo desperta o interesse de pesquisadores e teóricos, compreendendo diferentes abordagens teórico-metodológicas, não somente na ciência política e na sociologia política, mas também nas áreas do marketing político, da psicologia política, dentre outras. Não se pretende, neste momento, resgatar essas diferentes tradições de análise, optando-se pela apresentação de um modelo teórico que orientou o trabalho de pesquisa e de análise dos dados sobre o comportamento eleitoral de jovens universitários: *o modelo primário de comportamento eleitoral*, proposto pelos teóricos do marketing político Jagdish Sheth e Bruce Newman (NEWMANN, SHETH, 1985). Esse modelo, no entanto, não será considerado um “ponto de chegada”, mas um “ponto de partida”, a partir do qual



se pretende analisar permanências e impermanências no comportamento eleitoral de jovens. Por um lado, considerando aspectos da cultura política de jovens, já identificados pela bibliografia especializada; e, por outro lado, os condicionamentos conjunturais do comportamento eleitoral, que decorrem do contexto político-eleitoral das eleições presidenciais de 2018 no Brasil.

O modelo primário de comportamento eleitoral, proposto por Jagdish Sheth e Bruce Newman, decorre de uma preocupação com estratégias de marketing político. Os autores consideram os elementos que influenciam o processo de decisão eleitoral, definindo sete “domínios cognitivos”. Domínios cognitivos que, argumentam e propõem, são importantes para a compreensão das motivações eleitorais e, assim, para uma maior aproximação entre candidatos a cargos eletivos e o eleitorado. Ao propor sete domínios cognitivos, os autores não ignoram a dimensão racional da ação (os indivíduos, afinal, decidem com base nos recursos que dispõem, utilizando-se de informações que acessam em seus diferentes espaços de socialização política). Mas, ao mesmo tempo, não consideram que é possível explicar os comportamentos eleitorais somente a partir do pressuposto de que os indivíduos são racionais e agem intencionalmente, procurando maximizar suas escolhas, otimizar seus ganhos, como se fossem consumidores no mercado econômico. Nesse sentido, contemplam tanto motivações racionais quanto motivações “não racionais”, presentes nas interações sociais, em conjunturas eleitorais, nos processos de socialização, onde valores, emoções, ideologias, crenças, intuições, também são considerados nas escolhas eleitorais de indivíduos e grupos (NEWMANN, SHETH, 1985) (Figura 01).



Figura 01: Modelo Primário de Comportamento Eleitoral



Fonte: NEWMAN, SHETH, 1985, p. 179. Tradução minha.

Quais são os valores, as concepções, as representações que caracterizam cada um desses domínios? Através do domínio *questões políticas* se investiga a importância dos valores políticos do candidato (considerando suas propostas de política econômica, de política externa, de política social, bem como suas características de liderança) no processo de escolha dos eleitores. No domínio *sentimentos emocionais* analisa-se a relevância dos sentimentos que o candidato transmite aos eleitores, como por exemplo o sentimento de esperança, de responsabilidade, de patriotismo. No domínio *imagem do candidato* examina-se a importância dos traços da personalidade do candidato, como, por exemplo, a confiança, a integridade, o seu carisma. No domínio *eventos atuais* investiga-se a importância das questões conjunturais, relacionadas mesmo à campanha eleitoral, na definição das escolhas eleitorais; assim, por exemplo, uma mudança brusca na economia, a confirmação de atos de corrupção vinculando algum candidato, informações sobre fracassos em experiência de gestão, podem ser importantes no momento do eleitor tomar sua decisão de voto. No domínio *eventos pessoais* analisa-se a importância dos acontecimentos pessoais na vida do candidato (envolvimento num escândalo ético ou religioso, denúncia de um ato criminoso, revelação de mentiras) nas escolhas eleitorais.



Através do domínio *imaginário social* examina-se a relevância da identificação política, ideológica, social entre o eleitor e o candidato; assim, por exemplo, a identificação com o perfil ideológico do candidato, ou com suas características socioeconômicas (idade, gênero, religião), coloca-se como um motivo para a escolha eleitoral. Por fim, através do domínio *questões epistêmicas* investiga-se a importância do conhecimento que o eleitor tem do candidato, de seus posicionamentos políticos, do que ele representa em relação ao que está em jogo numa dada disputa eleitoral, da representatividade que tem nos meios de comunicação (NEWMAN, SHETH, 1985).

Como foi indicado anteriormente, não se trata de tomar esse modelo de comportamento eleitoral como ponto de chegada. Há de se reconhecer a importância que esse modelo tem, ao considerar a complexidade inerente ao processo de escolha eleitoral, mas, ao mesmo tempo, torna-se importante enfatizar que esse processo de escolha é uma construção sociopolítica. Enquanto construção sociopolítica, as escolhas eleitorais estão vinculadas aos interesses, sentimentos, emoções que indivíduos e grupos experienciam em seus processos de socialização política. Contudo, interesses, sentimentos, emoções estão situados num contexto histórico e são, inclusive, condicionados por processos sociais e políticos, onde indivíduos e grupos não necessariamente agem de forma autônoma; antes, agem em sistemas de interações sociais, compreendendo diferentes formas de condicionamentos, diferentes agentes, diferentes interesses, diferentes formas de atuação institucional e não institucional.

Adotar uma perspectiva de análise como essa permite que se problematize o pressuposto do sujeito autônomo, racional, capaz de construir suas escolhas a partir de interesses consciente e intencionalmente definidos. Por outro lado, permite que se atente para os contextos históricos, os condicionamentos sociopolíticos, as conjunturas eleitorais, as interações que daí decorrem e que têm importância na construção das motivações eleitorais dos indivíduos e grupos sociais. Trata-se de uma perspectiva de análise que, inclusive, permite que se atribua a devida importância ao contexto político e eleitoral das eleições de 2018; afinal, o contexto no qual o levantamento sobre o comportamento eleitoral de estudantes universitários foi realizado.



No Brasil, principalmente a partir do término do primeiro governo de Dilma Rousseff, vivia-se uma crise política, agravada por crescentes denúncias de corrupção que, através da operação Lava Jato, revelaram um esquema de corrupção (ativa e passiva), de gestão fraudulenta, de lavagem de dinheiro, de organização criminosa, de recebimento de vantagem indevida, que envolveu empresas públicas e privadas, empresários, mas principalmente representantes políticos, a maioria vinculada à base de sustentação política dos governos liderados pelo PT.

Aquela crise política abriu espaços para o crescimento de forças sociais e políticas de direita, defensoras de ideias ultraconservadoras, que passaram a desqualificar as práticas políticas, as instituições democráticas, os princípios dos direitos humanos, as conquistas forjadas pelas lutas sociais desde o início do século XX no país. E defender saídas não democráticas para as crises que o país enfrentava, alimentando uma nostalgia em relação ao período ditatorial liderado pelos militares, naturalizando práticas violentas e de violação de direitos humanos que caracterizaram aquele período, projetando uma concepção de política como inimizade (que dividiu a população em dois grupos, “os cidadãos de bem” e os outros, classificados como inimigos), utilizando-se das novas tecnologias de informação para disseminar notícias falsas e condicionar a socialização política a partir de valores antidemocráticos (ALMEIDA, 2019).

O crescimento político dessas forças sociais e políticas de direita e ultraconservadoras teve um momento de ápice nas eleições de 2018, quando Jair Bolsonaro venceu as eleições presidenciais. Um representante, naquelas eleições, de um movimento político presente não somente no Brasil, mas em vários países, nos quais também se assistiu a ascensão de governantes comprometidos com ações de desmanche das instituições democráticas e com a afirmação de caminhos autoritários. Lideranças governamentais que não necessariamente se comprometem com mudanças abruptas, de destruição dos regimes democráticos através de golpes de estado; mas que se mobilizam através de práticas sistemáticas de corrosão das instituições democráticas, utilizando-se, para isso, de ações que têm efeito cumulativo para degradar a ordem política, atacar e destruir mecanismos de representação, debilitar as instituições democráticas,



comprometendo-se com a criação de uma cultura política favorável ao colapso final da democracia.

Naquele contexto político-eleitoral, portanto, o comportamento eleitoral dos jovens universitários precisa também ser analisado a partir dos condicionamentos que aquela disputa eleitoral e o crescimento das forças sociais e políticas de direita e ultraconservadoras impuseram no Brasil (SINGER, 2021). Talvez seja temerário tirar uma conclusão definitiva acerca do significado da insatisfação com as instituições democráticas e do flerte com o regime ditatorial que naquela conjuntura político-eleitoral se observou no país. É possível que tenham sido expressões de uma crítica ao funcionamento das instituições democráticas; e não uma disposição favorável ao colapso do regime democrático. Mas não se pode ignorar que, naquele contexto político-eleitoral, seja através de instituições políticas e sociais (partidos políticos, mobilizações coletivas, meios de comunicação de massa), seja através da dinâmica de socialização política que se afirmava através das novas tecnologias de informação (facebook, whatsapp) (FONTENELLE, SOUZA, 2019), também os jovens, inclusive os universitários, estavam cada vez mais convidados ao questionamento do regime democrático, numa perspectiva de comprometimento com o colapso da sempre inconclusa democratização iniciada na década de 1980 no país.

2. As diferentes dimensões do comportamento político-eleitoral dos estudantes universitários

Os dados sobre o comportamento eleitoral de estudantes universitários, como indicado no texto introdutório, foram levantados entre o primeiro e o segundo turno das eleições de 2018; eleições nas quais a população brasileira escolheu os deputados estaduais, os deputados federais, os senadores, os governadores e o presidente da República, para os mandatos que compreenderam o período entre 2019 e 2022. Foram 169 estudantes de graduação da UNISC, distribuídos em diferentes áreas de conhecimento, que responderam um questionário com questões que contemplaram os sete domínios do modelo de comportamento eleitoral proposto por Jagdish Sheth e Bruce



Newman. Em cada questão proposta (num total de 24 questões), os estudantes se posicionaram, indicando se concordavam ou discordavam, dentro de uma escala de 01 a 05, sendo: 01 – discordo totalmente; 02 – Discordo; 03 – Não discordo nem concordo; 04 – Concordo; e 05 – Concordo totalmente.

O quadro a seguir permite uma primeira aproximação com os resultados do levantamento, levando em conta a totalidade de estudantes que responderam ao questionário. São consideradas as médias alcançadas, de modo a indicar de imediato quais são os domínios que se destacaram no comportamento eleitoral dos estudantes universitários pesquisados. A partir das médias, então, um primeiro dado a ser considerado está relacionado à hierarquia de importância que se estabeleceu entre os sete domínios (quanto maior a média, maior é a importância dos domínios nas escolhas eleitorais dos estudantes): imaginário social – 4,1; questões políticas – 4,0; sentimentos emocionais – 3,9; imagem do candidato – 3,8; eventos pessoais – 3,7; eventos atuais – 3,6; e questões epistêmicas – 2,9 (Quadro 01).

QUADRO 01: Estudantes, por domínios do comportamento eleitoral.

Domínios do Comportamento Eleitoral	Média
Imaginário Social:	4,1
Escolho o candidato por acreditar que ele dará atenção a todos os grupos populacionais, respeitando as diferenças em suas características sociais de pertencimento.	4,3
Escolho o candidato que apresente propostas de incentivos a projetos culturais.	4,0
Escolho o candidato que possuam um perfil ideológico que me identifique.	4,0
Questões Políticas:	4,0
Escolho o candidato que apresente um plano consistente de políticas econômicas.	4,3
Escolho o candidato que apresente uma política de boas relações com outras regiões/países.	3,9
Escolho o candidato por acreditar que ele fortalecerá minha região de modo ético.	3,8
Escolho o candidato que apresente propostas de políticas sociais mais igualitárias.	4,2
Escolho o candidato que apresente propostas de crescimento socioeconômico.	4,4
Escolho o candidato que apoie reformas políticas.	3,5
Sentimentos Emocionais:	3,9
Escolho o candidato que me transmite esperança.	3,9
Escolho o candidato que me transmite responsabilidade.	4,3
Escolho o candidato que me transmite patriotismo.	3,5
Imagem do Candidato:	3,8



Escolho o candidato que me parece confiável.	4,1
Escolho o candidato que me parece íntegro.	4,3
Escolho o candidato que me parece ser carismático.	3,2
Eventos Pessoais:	3,7
Eu mudaria meu voto se soubesse que o candidato se envolveu em um escândalo ético, moral ou religioso.	3,8
Eu mudaria meu voto se soubesse que o candidato mentiu para a imprensa.	3,2
Eu mudaria meu voto se soubesse que o candidato cometeu um crime.	4,1
Eventos Atuais:	3,6
Eu mudaria meu voto se a inflação subisse muito.	2,8
Eu mudaria meu voto se tivesse conhecimento que o candidato tem ficha-suja e confirmação de atos de corrupção.	4,1
Eu mudaria meu voto se tivesse conhecimento que o candidato foi um mau gestor público.	4,1
Questões Epistêmicas:	2,9
Escolho o candidato que representa mudança.	4,2
Escolho o candidato pelo que é noticiado na mídia.	2,1
Escolho o candidato pelo partido que ele pertence.	2,4

Fonte: *Dados da Pesquisa, 2018. Adaptado de NEWMAN, SHETH, 1985.*

Uma primeira aproximação com esses resultados, portanto, indica que os jovens universitários consideraram, como questões mais importantes em suas decisões eleitorais, aspectos relacionados à identificação política e ideológica com os candidatos, mas também aos compromissos dos candidatos com programas de governos, atendendo expectativas relacionadas a políticas governamentais. Um maior detalhamento das direções indicadas pelos estudantes, porém, considerando as dimensões que alcançaram médias superiores a 4.0, permite identificar um perfil de comportamento eleitoral onde se destacam: a expectativa quanto ao crescimento socioeconômico; os compromissos com políticas sociais e econômicas capazes de atender as necessidades de “todos os grupos populacionais”, inclusive numa perspectiva igualitária; o comportamento ético dos candidatos, de quem se espera responsabilidade e integridade; as expectativas de mudanças; e o histórico pessoal dos candidatos, valorizando-se aquelas trajetórias que se mostram distantes de ações criminosas ou de má gestão pública.

Através do levantamento foi possível fazer alguns cruzamentos de dados, a partir de variáveis relacionadas aos perfis socioeconômicos dos estudantes pesquisados. Cabe



o registro de dois desses cruzamentos, que apontam para diferenças importantes entre as áreas de conhecimento e entre mulheres e homens.

Em relação às áreas de conhecimento, embora os dados não permitam conclusões precisas quanto a diferentes hierarquias de domínios, é possível apontar tendências de maior valorização dos domínios *imaginário social* e *questões políticas* entre os estudantes de ciências humanas e das ciências da saúde. Por outro lado, uma tendência de maior valorização do domínio *eventos atuais* entre os estudantes das ciências sociais aplicadas e das engenharias e ciências da terra; nesse último caso, nesse sentido, uma indicação de que a conjuntura político-eleitoral se colocou como uma questão importante entre os estudantes dessas áreas (Quadro 02).

Entre homens e mulheres, porém, é possível identificar diferenças nas hierarquias dos domínios, mas também na comparação entre os domínios. Entre os homens, observa-se uma ordem de importância que coloca os *sentimentos emocionais* como os mais importantes, seguidos por *eventos atuais*, *questões políticas* e *imagem do candidato*, *imaginário social*, *eventos pessoais* e *questões epistêmicas*. Entre as mulheres, porém, a ordem de importância coloca o *imaginário social* como o domínio mais importante, seguido por *questões políticas*, *imagem do candidato*, *sentimentos emocionais*, *eventos pessoais*, *eventos atuais* e *questões epistêmicas*. E quando são consideradas as médias alcançadas em cada um dos domínios, observa-se uma tendência dos domínios *sentimentos emocionais* e *eventos atuais* serem mais valorizados pelos homens, enquanto que os domínios *imaginário social* e *questões políticas* tendem a ser mais valorizados pelas mulheres (Quadro 03).

QUADRO 02: Hierarquia dos domínios, por área de conhecimento.

Domínios do Comportamento Eleitoral	Ciências Sociais Aplicadas	Ciências Humanas	Ciências da Saúde	Engenharias e Ciências da Terra
-------------------------------------	----------------------------	------------------	-------------------	---------------------------------



Imaginário Social:	3,9	4,4	4,3	3,7
Questões Políticas:	3,9	4,0	4,2	3,9
Sentimentos Emocionais:	3,9	3,9	4,0	3,8
Imagem do Candidato:	3,8	3,9	3,9	3,8
Eventos Atuais:	3,8	3,5	3,6	3,9
Eventos Pessoais:	3,6	3,7	3,8	3,6
Questões Epistêmicas:	2,7	3,0	3,0	2,9

Fonte: *Dados da Pesquisa, 2018. Adaptado de NEWMAN, SHETH, 1985.*

QUADRO 03: Hierarquia dos domínios, por sexo.

Domínios do Comportamento Eleitoral	Média entre Homens	Média entre Mulheres
Imaginário Social:	3,7	4,5
Questões Políticas:	3,9	4,1
Sentimentos Emocionais:	4,1	3,8
Imagem do Candidato:	3,9	3,9
Eventos Atuais:	4,0	3,4
Eventos Pessoais:	3,6	3,5
Questões Epistêmicas:	2,9	2,8

Fonte: *Dados da Pesquisa, 2018. Adaptado de NEWMAN, SHETH, 1985.*

Os dados apresentados nesses dois últimos quadros abrem questões importantes, cuja análise não está no escopo do presente texto. De qualquer forma, é importante destacar a tendência, identificada entre os estudantes das ciências humanas e das ciências da saúde, de maiores preocupações com políticas governamentais e com a identificação política e ideológica dos candidatos. Apontando, nesse sentido, para uma maior preocupação desses estudantes, naquela conjuntura, com a atuação dos governos na construção de políticas públicas, a partir de uma determinada orientação político-ideológica.

Também entre as mulheres, as preocupações com políticas governamentais se destacaram. Uma constatação que vai ao encontro de resultados de pesquisas, realizadas no Brasil, que indicam que as mulheres tendem a dar maior importância às questões sociais (saúde, desemprego, educação etc.) e aos impactos mais diretos da política no cotidiano.^{iv} Já entre os homens, foram os *eventos atuais* que se destacaram, possivelmente



expressando a importância dos debates políticos que ocorreram nas eleições de 2018, sobre ações de corrupção e de má gestão pública atribuídas aos governos do PT.

Embora importantes, como registrado essas são questões que precisariam ser melhor contextualizadas, inclusive com maior atenção ao momento no qual o questionário foi respondido. De qualquer forma, para os fins da análise proposta interessa considerar o comportamento eleitoral dos estudantes a partir das intenções de voto para presidente da República, declaradas no momento que responderam ao questionário.^v Uma questão que ganha importância para uma análise mais atenta dos condicionamentos decorrentes da conjuntura política no comportamento eleitoral dos estudantes. Não é demais reafirmar que as eleições de 2018 ocorreram num contexto de intensa polarização política no Brasil e, nesse sentido, de forte identificação partidária negativa no comportamento eleitoral brasileiro, expressão de um sentimento de rejeição a um dos candidatos (decorrente de um sentimento antipetista, de um lado, e de um sentimento antibolsonarista, de outro lado).^{vi} O quadro a seguir apresenta, então, os dados relacionados aos comportamentos eleitorais, considerando os estudantes que indicaram a intenção de votar em Jair Bolsonaro (PSL) e aqueles que indicaram a intenção de votar em Fernando Haddad (PT) (Quadro 04).

QUADRO 04: Estudantes, por domínios do comportamento eleitoral e intenção de voto no segundo turno das eleições presidenciais de 2018.

Domínios do Comportamento Eleitoral	Média entre “eleitores” de Bolsonaro	Média entre “eleitores” de Haddad
Imaginário Social:	3,7	4,5
Escolho o candidato por acreditar que ele dará atenção a todos os grupos populacionais, respeitando as diferenças em suas características sociais de pertencimento.	3,7	4,8
Escolho o candidato que apresente propostas de incentivos a projetos culturais.	3,7	4,4
Escolho o candidato que possuam um perfil ideológico que me identifique.	3,9	4,3
Questões Políticas:	3,9	4,1
Escolho o candidato que apresente um plano consistente de políticas econômicas.	4,3	4,4
Escolho o candidato que apresente uma política de boas relações com outras regiões/países.	3,8	4,3



Escolho o candidato por acreditar que ele fortalecerá minha região de modo ético.	3,9	3,8
Escolho o candidato que apresente propostas de políticas sociais mais igualitárias.	3,7	4,7
Escolho o candidato que apresente propostas de crescimento socioeconômico.	4,4	4,5
Escolho o candidato que apoie reformas políticas.	3,7	3,5
Sentimentos Emocionais:	4,1	3,8
Escolho o candidato que me transmite esperança.	3,9	4,1
Escolho o candidato que me transmite responsabilidade.	4,4	4,4
Escolho o candidato que me transmite patriotismo.	4,1	3,1
Imagem do Candidato:	3,9	3,9
Escolho o candidato que me parece confiável.	4,3	4,2
Escolho o candidato que me parece íntegro.	4,5	4,3
Escolho o candidato que me parece ser carismático.	3,1	3,4
Eventos Atuais:	4,0	3,4
Eu mudaria meu voto se a inflação subisse muito.	2,9	2,7
Eu mudaria meu voto se tivesse conhecimento que o candidato tem ficha-suja e confirmação de atos de corrupção.	4,7	3,7
Eu mudaria meu voto se tivesse conhecimento que o candidato foi um mau gestor público.	4,4	3,9
Eventos Pessoais:	3,6	3,5
Eu mudaria meu voto se soubesse que o candidato se envolveu em um escândalo ético, moral ou religioso.	3,7	3,7
Eu mudaria meu voto se soubesse que o candidato mentiu para a imprensa.	3,0	3,0
Eu mudaria meu voto se soubesse que o candidato cometeu um crime.	4,1	4,0
Questões Epistêmicas:	2,9	2,8
Escolho o candidato que representa mudança.	4,5	4,0
Escolho o candidato pelo que é noticiado na mídia.	2,0	2,1
Escolho o candidato pelo partido que ele pertence.	2,4	2,5

Fonte: Dados da Pesquisa, 2018. Adaptado de NEWMAN, SHETH, 1985.

Uma primeira questão a ser evidenciada está relacionada às diferenças entre os eleitores de Jair Bolsonaro e os eleitores de Fernando Haddad, se consideradas as hierarquias dos domínios do comportamento eleitoral. Entre os que indicaram que votariam em Jair Bolsonaro, o domínio *sentimentos emocionais* alcançou a maior média, seguido por *eventos atuais*, *questões políticas*, *imagem do candidato*, *imaginário social*, *eventos pessoais* e *questões epistêmicas*. Já entre os que indicaram que votariam em Fernando Haddad, o domínio *imaginário social* alcançou a maior média, seguido por *questões políticas*, *imagem do candidato*, *sentimentos emocionais*, *eventos pessoais*, *eventos atuais* e *questões epistêmicas*.



O detalhamento dos dois perfis, considerando as dimensões que alcançaram médias superiores a 4.0, permite uma melhor compreensão das diferenças entre os potenciais eleitores de Bolsonaro e os potenciais eleitores de Haddad. No domínio *imaginário social*, por exemplo, todas as dimensões consideradas alcançaram média superior a 4.0 entre os estudantes que declararam voto em Haddad, ao passo que nenhuma delas alcançou média 4.0 entre os estudantes que afirmaram que votariam em Bolsonaro. No domínio *questões políticas*, entre os estudantes que declararam intenção de voto em Haddad as dimensões “escolho o candidato que apresente um plano consistente de políticas econômicas” e “escolho um candidato que apresente uma política de boas relações com outras regiões/países” alcançaram uma média superior ao 4.0; enquanto que, entre os eleitores que declararam intenção de voto em Bolsonaro, “escolho o candidato que apresente um plano consistente de políticas econômicas” e “escolho o candidato que apresente propostas de crescimento socioeconômico” foram as dimensões que alcançaram média acima de 4.0. No domínio *sentimentos emocionais*, entre os potenciais eleitores de Haddad as dimensões que alcançaram médias superiores a 4.0 foram “escolho o candidato que me transmite esperança” e “escolho o candidato que me transmite responsabilidade”; enquanto que entre os estudantes que indicaram intenção de voto em Bolsonaro as dimensões mais valorizadas foram “escolho o candidato que me transmite responsabilidade” e “escolho o candidato que me transmite patriotismo”. No domínio *imagem do candidato*, tanto os estudantes que indicaram intenção de votar em Bolsonaro, quanto aqueles que afirmaram que votariam em Haddad, valorizaram mais os candidatos que transmitem confiança e integridade. No domínio *eventos atuais*, nenhuma das dimensões alcançou média superior a 4.0 entre os potenciais eleitores de Haddad; no entanto, entre os potenciais eleitores de Bolsonaro, as dimensões “eu mudaria meu voto se tivesse conhecimento que o candidato tem ficha-suja e confirmação de atos de corrupção” e “eu mudaria meu voto se tivesse conhecimento que o candidato foi um mau gestor público” alcançaram média superior a 4.0. No domínio *eventos pessoais*, apenas entre os potenciais eleitores de Bolsonaro uma dimensão (“eu mudaria meu voto se soubesse que o candidato cometeu um crime”) alcançou média superior a 4.0. O que também ocorreu no domínio *questões epistêmicas*, no qual apenas a dimensão “escolho o



candidato que representa mudança” alcançou média superior a 4.0 entre os potenciais eleitores de Jair Bolsonaro. Essas diferenças já permitem algumas conclusões acerca das principais motivações eleitorais que foram mobilizadas pelos jovens universitários.

Aqueles que declararam intenção de voto em Fernando Haddad manifestaram maior preocupação com um governo comprometido com o crescimento socioeconômico, com o incentivo à cultura no país, com o estabelecimento de boas relações com outros países e regiões do mundo, com políticas sociais mais igualitárias, capazes de dar atenção a todos os grupos populacionais, “respeitando as diferenças em suas características sociais de pertencimento”. Para esses estudantes, o perfil do candidato valorizado estava vinculado às suas concepções ideológicas e à capacidade de transmitir esperança, responsabilidade, confiança e integridade.

Como foi indicado anteriormente, as eleições presidenciais de 2018 ocorreram num contexto político-eleitoral no qual a identidade partidária negativa, de rejeição a um determinado partido político ou candidato, foi marcante. Nessa direção, as preocupações dos potenciais eleitores de Haddad também indicam a rejeição a determinadas políticas defendidas por Jair Bolsonaro naquelas eleições, bem como ao comportamento político por ele demonstrado. É amplamente conhecido, por exemplo, que já durante a campanha eleitoral de 2018 Jair Bolsonaro criticava diferentes direções das políticas governamentais adotadas durante o período em que o PT liderou uma frente política que ocupou o executivo nacional no Brasil: a política externa adotada, em especial as relações estabelecidas com países onde existiam “governos de esquerda”, identificados como “partidos socialistas”; as políticas sociais implementadas, voltadas às populações mais pobres do país, com o objetivo de combater a fome, a miséria e as desigualdades sociais no país; a política econômica orientada pela maior presença do Estado no incentivo ao desenvolvimento econômico. Mas, também é amplamente conhecido que o próprio Bolsonaro manifestava publicamente (e através de seu histórico de político profissional, como deputado federal) preconceitos a diferentes e importantes segmentos sociais (por exemplo, mulheres, indígenas, comunidade LGBTQIAP+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais). Nesse sentido, as direções apontadas pelos potenciais eleitores de Fernando Haddad não podem ser lidos apenas



como um movimento de identificação com o candidato do PT, mas também de rejeição, distanciamento em relação a valores, ideologias, práticas políticas identificadas na candidatura (e na própria pessoa) de Bolsonaro, cuja eleição pretendia-se evitar.

Por outro lado, aqueles que declararam intenção de voto em Jair Bolsonaro manifestaram maior preocupação com um governo comprometido com o crescimento socioeconômico, enfatizando a importância de um “plano consistente de políticas econômicas”. Para esses estudantes, o perfil do candidato valorizado estava vinculado à capacidade do mesmo em transmitir responsabilidade, confiança, integridade, espírito de patriotismo. E assinalaram, também, a possibilidade de mudar de voto, caso tivessem conhecimento de seu candidato estar envolvido com ações moral e socialmente condenáveis (atos de corrupção, ser “ficha-suja”), com experiências de má gestão pública ou com algum ato criminoso. Por fim, indicaram a valorização de candidatos que representam mudanças.

Na mesma direção do que foi observado em relação aos estudantes que indicaram intenção de voto em Haddad, também é possível identificar sinais de uma identidade partidária negativa dentre os potenciais eleitores de Bolsonaro. Expressão de um sentimento antipetista que se fortaleceu no país, no contexto da crise política e econômica do período que antecedeu às eleições de 2018, essa identidade partidária negativa fica evidenciada na crítica às políticas econômicas adotadas pelos governos liderados pelo PT, responsabilizadas (pelos eleitores de Bolsonaro) pela crise econômica vivenciada no país a partir de 2014/2015; nas críticas ao envolvimento de políticos em atos de corrupção, em escândalos políticos (mensalão, lavagem de dinheiro, suborno, abuso de poder etc.); mas, também, nas críticas a políticos vinculados a experiências de má gestão.

Ora, essas questões estavam na base do sentimento antipetista que se intensificou no contexto eleitoral de 2018. Fazia parte, portanto, dos repertórios utilizados pela candidatura de Jair Bolsonaro, que estruturou sua campanha eleitoral enfatizando as críticas à política econômica adotadas pelos governos liderados pelo PT, mas principalmente ao envolvimento de lideranças desse partido (inclusive do seu principal líder, Luís Inácio Lula da Silva, que foi impedido de concorrer naquelas eleições, pois foi



enquadrado, pelo Tribunal Superior Eleitoral, na Lei da Ficha Limpa) em atos de corrupção e outras formas de crimes cometidos e denunciados na Operação Lava Jato.

O desejo de mudanças, nesse sentido, que é destacado pelos estudantes que indicaram a intenção de votar em Bolsonaro, era um desejo de evitar a volta dos governos petistas e de votar em alguém capaz de enfrentar os problemas que naqueles governos foram evidenciados (por exemplo, outro rumo às políticas econômicas e combate à corrupção). Daí, também, a identificação com valores de responsabilidade, de integridade, mas principalmente com o patriotismo, outra questão mobilizada pela candidatura Bolsonaro, que acusava o PT de querer “trocar a cor da bandeira” brasileira, de negar a liberdade, de “roubar o país”, de se posicionar a favor/incentivar valores que se contrapunham à moral e aos costumes dos “brasileiros”.

Considerações finais

Os dados apresentados não permitem avaliar o alcance das motivações eleitorais dos jovens universitários pesquisados, nem a estabilidade que essas motivações podem ter quando se considera a discussão sobre comportamento eleitoral de jovens no Brasil. No entanto, algumas questões podem ser destacadas, a partir dos dados analisados e da bibliografia considerada.

Uma primeira questão decorre do próprio registro dos resultados da pesquisa, quando considerados os sete domínios utilizados para avaliar o comportamento eleitoral dos jovens universitários. Vistos em seu conjunto, os estudantes universitários deram maior importância a dimensões relacionadas ao *imaginário social*, às *questões políticas*, aos *sentimentos emocionais*. Nesse sentido, manifestaram maiores preocupações com a identificação político-ideológica (mesmo social) com os candidatos, com as propostas desses em relação a políticas governamentais (política econômica, política social, política externa) e com os compromissos dos candidatos em relação a valores como, por exemplo, esperança, responsabilidade, patriotismo.

Contudo, quando o comportamento eleitoral dos jovens universitários é considerado a partir de suas intenções de voto para presidente da República, diferenças



importantes são evidenciadas entre aqueles que indicaram intenção de votar em Jair Bolsonaro e aqueles que indicaram que votariam em Fernando Haddad. Os eleitores de Jair Bolsonaro valorizaram mais os “sentimentos emocionais” e os “eventos atuais”, enquanto que os eleitores de Fernando Haddad valorizaram mais o “imaginário social” e as “questões políticas”. O detalhamento dessas diferenças, considerando-se as diferentes dimensões de análise do comportamento eleitoral, permite perceber que os eleitores de Haddad manifestaram maiores preocupações com políticas de desenvolvimento (econômico, social, cultural), comprometidas com maior igualdade social e respeito às diferenças; escolhendo um perfil de candidato a partir de suas concepções ideológicas e de sua capacidade de transmitir esperança, responsabilidade, confiança e integridade. Por outro lado, os eleitores de Bolsonaro manifestaram maiores preocupações com a consistência de um plano de desenvolvimento econômico, escolhendo um perfil de candidato a partir da capacidade desse transmitir responsabilidade, confiança, integridade, espírito de patriotismo; além disso, indicaram a possibilidade de mudança de candidato, diante de denúncias/informações relacionadas à corrupção, à má gestão pública, à participação em atos criminosos.

Coloca-se aí uma segunda questão, diretamente vinculada ao objetivo principal do texto: o contexto político-eleitoral das eleições de 2018 e suas influências sobre o comportamento eleitoral. Como assinalado no texto, os resultados indicam que uma identidade partidária negativa esteve presente no comportamento eleitoral dos jovens universitários pesquisados, expressando uma condição presente em todo o país naquele momento. Claro que a identidade política sempre é resultado de uma afirmação negadora e de uma negação afirmadora. O indivíduo se identifica com determinada concepção através de uma relação de negação com uma outra concepção (ou com outras concepções). No entanto, é importante enfatizar que, no contexto das eleições de 2018, os eleitores não necessariamente foram motivados por uma identificação política com um candidato. Essa foi uma decisão, muitas vezes, tomadas em função do desejo, do interesse, da expectativa de que um dos dois candidatos não se elegeisse. Nessa direção, os dados apontam que, dentre os estudantes que indicaram intenção de voto em Bolsonaro, havia um sentimento de contrariedade, de negação, inclusive de repulsa em



relação aos governos do PT e do que aqueles governos representavam em seus imaginários políticos: corrupção, má gestão pública, crise econômica e política. Da mesma forma, dentre os potenciais eleitores de Haddad havia um sentimento de repulsa em relação a Bolsonaro e ao que ele representava politicamente (inclusive como pessoa): defesa do regime ditatorial, defesa de valores contrários aos direitos humanos, defesa da retirada de direitos sociais alcançados durante o processo de democratização no país, ameaça ao próprio regime democrático. A ausência de debates públicos no segundo turno daquelas eleições, somada à importância que as redes sociais (facebook, whatsapp) alcançaram no processo de socialização eleitoral, numa tendência de formação de “bolhas” político-ideológicas (inclusive através da circulação de notícias falsas), colocaram-se como fatores importantes para o fortalecimento da identidade partidária negativa.

A maior presença das redes sociais nas eleições de 2018, aliás, suscita a necessidade de um olhar mais atento às formas de socialização política das juventudes, considerando esses espaços como espaços de socialização política, tanto no que diz respeito à aproximação e à adesão a valores políticos e ideológicos, quanto no que diz respeito à participação sociopolítica. Embora os dados considerados não permitam análises nessa direção, abordar essa questão (a partir de uma perspectiva que considere movimentos de desinstitucionalização política e de revinculação a domínios não institucionais) torna-se cada vez mais importante para uma maior e melhor compreensão do comportamento eleitoral e político das juventudes.

Uma terceira questão está diretamente relacionada ao Modelo Primário do Comportamento Eleitoral, adotado na pesquisa para analisar o comportamento eleitoral de estudantes universitários no contexto das eleições presidenciais de 2018. Como indicado, não se pretendeu tomar esse modelo como ponto de chegada, como uma referência teórica para substancializar a realidade, sem considerar outros condicionantes do comportamento eleitoral. Daí, inclusive, a opção por não insistir muito em análises estatísticas, preferindo-se considerar os dados como indicações de tendências, a partir das quais se pretendeu analisar relações entre o comportamento eleitoral e a conjuntura político-eleitoral das eleições de 2018.



Reconhece-se a importância do modelo. Porém, como qualquer modelo teórico, trata-se de um recorte, de escolhas que não necessariamente contemplam as complexidades inerentes ao processo de escolha eleitoral, principalmente quando se consideram diferentes conjunturas históricas e diferentes dimensões socioespaciais. Como enfatizado, sua utilização permitiu alcançar resultados importantes, que, inclusive, indicaram questões de significado histórico e que estavam em jogo nas eleições presidenciais de 2018 (como é o caso da identidade partidária negativa). Mas outras questões também ficam abertas, dentre as quais algumas merecem destaque: quais são as permanências e impermanências presentes no comportamento eleitoral da juventude universitária investigada? Por exemplo, a valorização de sentimentos patrióticos, presente principalmente entre estudantes que indicaram votos em Bolsonaro, indicava uma tendência de afirmação desse valor no comportamento eleitoral de jovens no Brasil? A baixa valorização da escolha do candidato a partir do partido que ele pertence (média de 2.4 entre os estudantes que indicaram voto em Bolsonaro e de 2.5 entre os estudantes que indicaram voto em Haddad) é expressão de um processo histórico de declínio do papel dos partidos políticos na construção de normas e valores sociopolíticos? No caso específico da conjuntura político-eleitoral que compreende o período posterior às eleições de 2018 no Brasil, como o governo Bolsonaro repercutiu no comportamento eleitoral das juventudes? Sob o ponto de vista de seus eleitores, seu governo contribuiu para uma maior identificação positiva, relativizando a importância da identificação partidária negativa presente em 2018?

Essas e outras perguntas não necessariamente decorrem de limites do modelo de comportamento eleitoral adotado. Reafirma-se, nesse sentido, sua importância enquanto uma referência teórica e metodológica de análise. Contudo, como indicado ao longo do texto, não se trata de substancializar a realidade, nem adotar uma perspectiva de análise que considere os indivíduos como sujeitos autônomos, racionais, capazes de construir suas escolhas a partir de interesses consciente e intencionalmente definidos. Trata-se, nesse sentido, de considerar esses indicadores com atenção aos contextos históricos, aos condicionamentos sociopolíticos do comportamento eleitoral.



Referências Bibliográficas

Almeida, Ronaldo. “Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira”. *Revista Novos Estudos* 38, nº 1 (2019): 185-213.

Augusto, Nuno Miguel. “A juventude e a (s) política (s): Desinstitucionalização e individualização”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 81 (2008): 155-177.

Boghossian, Cynthia Ozon and Maria Cecília De Souza Minayo. “Revisão Sistemática Sobre Juventude e Participação nos Últimos 10 anos”. *Saúde e Sociedade* 18, nº 3 (2009) 411-423.

Boito Jr., Armando. *As bases políticas do neodesenvolvimentismo*. São Paulo: FGV, 2012.

Cadoná, Marco André. *Cultura política e valores democráticos entre estudantes universitários: uma análise a partir de estudantes universitários no contexto das eleições presidenciais de 2018*. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2018.

Casado, José. “Bolsonaro: ‘Somos exemplo de patriotismo e honestidade’”. *Veja*, August 17, 2022, accessed Mar 23, 2023, <https://veja.abril.com.br/coluna/jose-casado/bolsonaro-teremos-uma-das-gasolinhas-mais-baratas-do-mundo/>.

Castells, Manuel. *Redes de Indignação e Esperança: movimentos sociais na era da Internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

Dayrell, Juarez. “O jovem como sujeito social.” *Revista Brasileira de Educação, ANPed*, nº 24 (set./out./nov./dez. 2003), 40-52,.

Fontenelle, Carol and Conceição Souza,. “Redes Sociais: a internet assume papel preponderante nas eleições presidenciais de 2018.” *Revista Alabastro* 1, nº 13 (2019), 29-42.

Gohn, Maria Da Glória. “Jovens na Política na Atualidade: uma nova cultura de participação.” *Cadernos CRH* 31, nº 82 (Jan/Abr 2018), 117-133.



Newman, Bruce and Jagdish Sheth,. “A model of primary voter behavior.” *Journal of Consumer Research* 12 (1985) 178-187.

Ribeiro, Ednaldo, Yan Carreirão and Julian Borba. “Sentimentos partidários e antipetismo: condicionantes e covariantes.” *Opinião Pública* 22, nº 3 (Dez 2016) 603-637.

Roudet, Bernard. “Entre responsabilisation et individualisation: Les évolutions de l’engagement associatif.” *Lien Social et Politiques*, nº 51 (2004) 197-210.

Singer, André. “A reativação da direita no Brasil.” *Preprint* (2021) accessed 28 dez 2023, <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/download/1664/2648/2768>.

Stabile, Amanda. “Eleições 2022: o que pensam as eleitoras? Elas podem decidir o resultado da votação.” *O Estadão* (Set 2022), accessed 23 Mar 2023.:

<https://expresso.estadao.com.br/naperifa/eleicoes-2022-o-que-pensam-as-eleitoras-que-podem-decidir-o-resultado-da-votacao/>.

TSE/RS. *Eleições gerais 2018*. Accessed 18 Fev 2023 <https://www.tre-rs.jus.br/eleicoes/resultados-das-eleicoes/2018>.

ⁱ “Juventude” é uma condição social e uma representação. Ainda que haja uma determinada faixa etária, isso ocorre num processo muito variado historicamente. Essa diversidade se objetiva com base em condições sociais, culturais, geográficas, dentre outros aspectos que podem ser considerados. É a partir desse pressuposto que, neste artigo, se usa a categoria “juventudes”, ressaltando a importância das experiências sociais vivenciadas pelos indivíduos e os contextos históricos nos quais essas experiências se concretizam. A categoria “juventudes” remete a processos históricos de constituição de sujeitos, condicionados pelo “meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona” (DAYRELL, 2003, p. 41-2).

ⁱⁱ Os governos liderados pelo PT (2003 – 2016) foram sustentados por uma frente política formada pela “grande burguesia interna, força dirigente da frente neodesenvolvimentista”, distribuída por diversos setores da economia e unificada pela “reivindicação de favorecimento e de proteção do Estado na concorrência que elas empreendem com o capital estrangeiro”. Mas, também, por amplos setores do operariado urbano e da baixa classe média, do campesinato e de trabalhadores desempregados e subempregados (BOITO JR., 2012, p. 7-10).

ⁱⁱⁱ A amostra de 169 estudantes, considerando o universo de estudantes de graduação da UNISC no primeiro semestre de 2018 (8.548 estudantes), permitiu que os dados fossem considerados com representatividade estatística, dentro de uma margem de erro de 7.0 pontos percentuais, com um nível de confiança de 95%. Esse cálculo do tamanho da amostra decorreu da utilização de fórmulas de Amostragem Aleatória Simples para a estimação de proporções. Nesse sentido, considere-se que na definição da amostra foram



considerados: a) o *nível de confiança da estimativa* que, no caso específico, foi igual a 95%; b) o *erro absoluto*, que foi definido tomando-se como referência o universo de estudantes da graduação na UNISC, conforme matrículas realizadas no primeiro semestre de 2018; c) a *variabilidade dos dados*, medida através do *Produto PQ* (como estas informações não se encontravam disponíveis antes da realização do levantamento dos dados, utilizou-se o valor correspondente à maior variabilidade possível; este valor é $P = 0,50$ e $Q = 0,50$, sendo, portanto, $PQ = 0,50 \times 0,50 = 0,25$; desta forma, a amostra calculada será maior do que todas as outras amostras possíveis, considerando variabilidades menores e evitando o subdimensionamento amostral); d) o tamanho da população que, no caso, foi definido a partir do total de matrículas realizadas nos cursos de graduação na UNISC, no primeiro semestre de 2018.

^{iv} Pesquisa realizada pelo Instituto Locomotiva, em 2022, com uma amostra de mulheres brasileiras, indicou algumas tendências importantes: segundo as mulheres, as principais dificuldades enfrentadas no Brasil estavam vinculadas à crise econômica, agravada pela pandemia, que gerou dificuldades no mercado de trabalho e aumentou o custo de vida da população; a democracia, segundo elas, está associada à liberdades em geral; para elas, a maioria das vezes os eleitores são ouvidos apenas na hora do voto; elas tendem a olhar para a política considerando seu impacto efetivo na vida cotidiana; nessa direção, tendem a dar maior importância a questões sociais (saúde, o desemprego, fome) (STABILE, 2023).

^v A pesquisa realizada compreendeu perguntas que investigaram a intenção de voto dos estudantes para governador, no Rio Grande do Sul, e para presidente da República. Nas intenções de voto para governador, considerando-se somente os “votos válidos”, Eduardo Leite recebeu 54,2% e José Ivo Sartori 45,8% das intenções de voto dos estudantes; resultados muito próximos daqueles que, efetivamente, as urnas registraram naquele segundo turno, quando Eduardo Leite alcançou 53,62% e José Ivo Sartori 46,38% dos votos válidos. Para presidente, Jair Bolsonaro recebeu 56,7% e Fernando Haddad 43,3% das intenções de voto dos estudantes; resultados que, também, se aproximaram do que se observou nas urnas, pois Jair Bolsonaro obteve 63,24% e Fernando Haddad 36,76% dos votos válidos dos gaúchos (TSE/RS, 2018; AUTOR, 2018).

^{vi} No Brasil, o conceito de identificação partidária negativa é utilizado para enfatizar a importância da “rejeição a uma ou mais legendas” partidárias e a relação desse sentimento de rejeição nas decisões eleitorais. Há, entre os pesquisadores que trabalham com o conceito, o reconhecimento de que a rejeição a partidos políticos e a relação entre essa rejeição e comportamento eleitoral ganharam maior visibilidade num período mais recente, quando diferentes teóricos passaram a dar maior atenção aos “eleitores negativos”, aqueles “que indicam facilmente os partidos em que não votariam, mas não são capazes de apontar uma legenda em que poderiam votar” (RIBEIRO, CARREIRÃO, BORBA, 2016, p. 609).

